

IDENTIDADE E IMAGINÁRIO RIBEIRINHO: A REINVENÇÃO DOS PAPÉIS SOCIAIS A PARTIR DA ESCOLARIZAÇÃO IMPROVISADA EM PRÁTICAS HETERODOXAS

Cleidson de Jesus Rocha¹

Resumo: Este estudo intenta, a partir de múltipla fundamentação teórica, apresentar a realidade educacional do Alto Juruá, antes da implantação da Reserva Extrativista, que se deu em práticas heterodoxas, com a iniciativa dos moradores em transferir, para professoras leigas, o trabalho formativo dos filhos. Esse contexto, apresentado em sua congênita dimensão barroca e coreografado em luzes e sombras, abriga em seu cerne antagônicas realidades, prefigurada já a partir de uma natureza exuberante, tecida e destecida por fascínios excepcionais e indisfarçáveis abismos. A escolarização improvisada dos ribeirinhos deu conta, paulatinamente, com o protagonismos de mulheres/professoras, de imprimir condições de possibilidades de reinventar os papéis sociais, de modo a garantir, mesmo com a negação do papel do Estado, a produção de resultados satisfatórios em termos de acesso ao conhecimento e às condições dele decorrente, como emprego, renda, posição social e autonomia de gênero e cidadania. O estudo coleta narrativas sobre o processo de ensinar e aprender, sobre os itinerários percorridos no interior da floresta em direção à escola/luz, bem como os desdobramentos produzidos pela escola improvisada em práticas heterodoxas.

Palavras-chaves: Imaginário, Escolarização, Papéis Sociais

IDENTITY AND IMAGINARY RIBEIRINHO THE REINVENTION OF SOCIAL PAPERS FROM SCHOOLING IMPROVISED IN HETERODOX PRACTICES

Abstract: This study intends to present, based on a multiple theoretical basis, the educational reality of Alto Juruá, prior to the implementation of the Extractive Reserve, which took place in heterodox practices, with the initiative of the residents to transfer, for lay teachers, the formative work of children. This context, presented in its congenial baroque dimension and choreographed in lights and shadows, shelters at its core antagonistic realities, prefigured already from an exuberant nature, woven and weaved by exceptional fascinations and undisguised abysses. The impromptu schooling of the riverside gradually gave birth to the role of women / teachers, to create possibilities for reinventing social roles, so as to guarantee, even with the denial of the role of the State, the production of satisfactory results in terms access to knowledge and the conditions derived therefrom, such as employment, income, social position and autonomy of gender and citizenship. The study collects narratives about the process of teaching and learning, the itineraries traveled in the interior of the forest towards the school / light, as well as the unfolding produced by the improvised school in heterodox practices.

Keywords: Imaginary, Schooling, Social Papers

IDENTIDAD E IMAGINARIO RIBEIRINHO LA REINVENCIÓN DE LOS PAPELES SOCIALES A PARTIR DE LA ESCOLARIZACIÓN IMPROVISADA EN PRÁCTICAS HETERODOXAS

¹Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira – SP (1987); especialista em Filosofia Contemporânea pela PUC-MG (1994); Especialista em Ciências Sociais pela UFAC (1995); Mestre em Educação pela UFRJ (1999); Doutor em Filosofia pela UGF-RJ (2005). Professor Adjunto 4 do Centro de Educação e Letras da UFAC/Campus da Floresta.

Resumen: Este estudio intenta, a partir de múltiple fundamentación teórica, presentar la realidad educativa del Alto Juruá, antes de la implantación de la Reserva Extractivista, que se dio en prácticas heterodoxas, con la iniciativa de los habitantes en transferir, para profesoras laicas, el trabajo formativo de los hijos. Este contexto, presentado en su congénita dimensión barroca y coreografiada en luces y sombras, alberga en su núcleo antagónicas realidades, prefigurada ya a partir de una naturaleza exuberante, tejida y destacada por fascinaciones excepcionales e indiscutibles abismos. La escolarización improvisada de los ribereños dio cuenta, paulatinamente, con el protagonismo de mujeres / profesoras, de imprimir condiciones de posibilidades de reinventar los papeles sociales, para garantizar, incluso con la negación del papel del Estado, la producción de resultados satisfactorios en términos de acceso al conocimiento ya las condiciones de él derivadas, como empleo, renta, posición social y autonomía de género y ciudadanía. El estudio recoge narraciones sobre el proceso de enseñar y aprender, sobre los itinerarios recorridos en el interior del bosque hacia la escuela / luz, así como los desdoblamientos producidos por la escuela improvisada en prácticas heterodoxas.

Palabras claves: Imaginario, Escolarización, Papeles Sociales

Introdução

A saída de Cruzeiro do Sul para Marechal Thaumaturgo é sempre um momento de fortes emoções e expectativas. O avião teco-teco estremece todo, no solavanco da pista e assim permanece também quando sobe sobre uma mata densa, cortando um ar pesado, de nuvens de chuva, entre as quais se avista, cortando a terra, por sob a sombra das árvores, rios e lagos invisíveis no plano horizontal. A natureza é verde e ampla, estendendo-se sem limites, como aquela visão descrita por Glissant (2005, p. 13) no livro *Introdução a uma poética da diversidade* quando diz:

a primeira abordagem que tive daquilo que se pôde chamar de as Américas, meu primeiro contato foi com a paisagem, antes mesmo de ter consciência dos dramas humanos coletivos ou privados que ali se acumularam. A América pareceu-me sempre – e eu estou falando do país das Américas – muito particular em relação ao que pude conhecer, por exemplo, das paisagens europeias, quando comecei meus estudos na França.

Glissant se admira na América da paisagem ampla, diferente da paisagem europeia que é cronometrada e marcada como que pelo ponteiro do relógio. Essa fala denota um horizonte de possibilidades abertas, ainda virgens, que instiga um mergulho nas entranhas da América, e no caso em questão, sugere um mergulho de amplas possibilidades no coração da selva. Para Glissant, na Europa, tudo já foi feito no plano da ocupação dos espaços, sejam físicos, imateriais, estéticos, filosóficos, econômicos, etc. Nas grandes metrópoles do mundo, as descobertas já se esgotaram,

restando, então, a missão de sua disseminação entre os povos, que legitimarão, como diz Homi Bhabha (2005, p. 13) a visão eurocêntrica sobre todas as coisas.

Na Amazônia, especialmente em seu interior mais profundo, não. Reza a lenda que por aqui muita coisa ainda está por fazer. A vastidão dos campos, da mata e das águas desperta a cobiça e acolhe os devaneios e qualquer criatividade que possa resultar da vontade de ocupação de espaço: econômico, político, técnico, etc. Ela já foi contada como Eldorado, lugar pródigo em delícias e riquezas sem fim, mas também como campo funerário, de morte, miséria e medo. A Amazônia tem sido ponto de dificuldade para dizer de si, principalmente a partir de seu próprio território. As vozes locais que pronunciam os saberes precisam ser ouvidas.

Neste trabalho, trago a narrativa de alunos/seringueiros que, a despeito da ausência do poder estatal, construíram estratégia de escolarização nas improvisações pedagógicas dos seringais da área que hoje compõe a Reserva Extrativista do Alto Juruá, demonstrando que, no processo de produção da autonomia, importa o sentido da autodeterminação e da vontade, embalada pelo desejo da produção de sentidos. A experiência exitosa de alfabetizar-se apesar das negações do poder público, o itinerário exitoso de aprendizagem e redefinição de lugares sociais realizado pelos seringueiros/alunos, desestabilizam estereótipos decantadas por teorias pseudocientíficas e culturais que enxergam o homem amazônico como fraco e primitivo tipo inferior.

Os autores convidados para esse diálogo são Uchoa (2014); Glissant (2005); Oliveira (2016); Lima (2012); Loureiro (2001); Soares (1997); Sobrinho (1992); Rocha (2007); Lima (2001); Rangel (1929); Hardman (2009). Eles afinam nosso olhar sobre a formação da cultura e identidade do povo amazônico, discutindo nos vestígios enxergados nos itinerários compostos por caminhos, varadouros, águas, várzea e terra-firme, elementos constituidores de um jeito particular de viver e se relacionar com o outro e com o ambiente. Essas marcas, aqui apresentadas pela voz dos teóricos e também dos alunos/seringueiros contrariam narrativas de pretensão universalizantes, instituidoras de estereótipos e fragmentações a respeito dos povos da floresta. No limiar do desejo de autonomia e autodeterminação Kant (1985) comparece esclarecendo o que seja e como se instaura o esclarecimento, que no

limite, é o Ousar Saber, implementado, no caso em questão, pela coragem civil de construir, estrategicamente, meios para tal.

Escolarização feita nas negações: experiência da alfabetização de seringueiros da reserva extrativista do Alto Juruá.

A experiência de nascer e viver nesse espaço, as construções mentais e as representações sociais construídas pelos nativos, raramente correspondem às narrativas escritas que se encontram em formas e gêneros variados, querendo descrever esse vasto território. Esse exercício de contar e cantar a Amazônia depreende-se desde as primeiras aventuras europeias, quando os navegadores-cronistas iniciaram, uns por veios literários, outros como obrigações de seus cargos administrativos concedidos pelas matrizes europeias, a narrar os êxitos e insucessos, as paisagens e condições de possibilidade do seu “caminho-cenário”.

Essas impressões são as primeiras que vigoram sobre esse território aberto, antes mesmo de se inserir, o elemento humano no rol das preocupações. Parece que a mata, com a sua imensidão, engole o homem. Por isso, para entender esse ambiente exige-se mergulho em vários portos e disposição para reorganizar o significado do ambiente melancólico dos lagos ou turbulentos dos rios. O impasse de qualquer produção que queira compreender e traduzir a Amazônia decorre da falta no excesso e do caráter fragmentário de todo conhecimento produzido nesse território. Hardman (2009) nos fala de uma certa carta expedida por Artur Lemos em 1905, na qual descreve, de Manaus, as lacunas abertas que o olhar sobre a Amazônia percebe:

Além disso esta Amazônia recorda a genial definição de Milton: esconde-se a si mesma. O forasteiro contempla-a sem a ver através de uma vertigem.

Ela só lhe aparece aos poucos, vagorosamente, torturantemente.

É uma grandeza que exige a penetração sutil do microscópio e a visão apertadinha e breve do analista: é um infinito que deve ser dosado. (HARDMAN, 2009, p. 40).

Essa quadra tipifica o homem como o **intruso** da paisagem. E se é assim, como explicar que ele habite e contribua com o campo onde árvore, água, terra e fauna são as vedetes do grande anfiteatro amazônico, aberto nas paragens do sul? Como

imaginar outros enredos possíveis, diferentes da tragédia em que a selva engole o homem, ou este a destrói irremediavelmente? Um enredo diferenciado deve começar pela origem: dos sentidos construídos, das visões dominantes enlevadas à potência de verdade, das narrativas simplistas que naturalizam processos de dominação, da visão preconceituosa que enxerga o homem como polo destruidor, simplesmente, do único paraíso restante. Redefinir o enredo significa voltar por sobre ruínas e destroços e exige ter a coragem dos bombeiros que resgatam vítimas e eliminam focos de novos perigos. As brutalidades, os desterros, as violências e aprisionamentos, cárceres e funerais terão que ensinar um novo jeito de viver no contexto amazônico para que esse imenso território seja saída para novas relações com o homem e com o meio ambiente, como gosta de sair para o mar o fluxo de suas imensas águas.

O elemento humano não pode ser esquecido. Os homens e mulheres, povos da floresta sabem que a preservação da natureza e os cuidados com o meio ambiente são a garantia de sobrevivência e segurança alimentar para o presente e para o futuro. Os que enxergam a floresta apenas como depositário inesgotável de produtos florestais valiosos, penetram em seu corpo sangrando e matando, para atender seus interesses econômicos. O estrago está registrado na história: os massacres, o abandono, a exploração, que transformaram a Índia Mura de Alberto Rangel (1929) num trapo humano, encontrou terreno fértil na natureza física e na alma humana, desprovida dos recursos emancipatórios.

Não foi a simplicidade da vida e dos recursos tecnológicos que roubaram da Índia Mura suas feições humanas. Quem a fez um trapo foram as subtrações à cultura e ao jeito de viver de seu povo, a exploração dos padrões que sequestraram a força física e alma dos jovens e promissores guerreiros da tribo, transformando-os em seringueiros das invisíveis estradas talhadas na mata. Portanto, muitas narrativas precisam ser retomadas. Elas denotam as estratégias de criação de um mundo de sentidos e significados escondidos sob a copa das árvores, que deslizam sobre as folhas lisas caídas nos caminhos abertos a terçado e demarcados como picadas que aproximam grupos humanos quase invisíveis, de tanto que estão distantes do olhar do outro. A imensidão erma da floresta e a simplicidade da vida não excluíram, por exemplo, os desejos de contato com o mundo que as letras apresentam, que a escola noticia, que os professores sabem contar.

Lima (2009) discute que os ribeirinhos colaram letras nas paredes das casas e formaram um painel curioso de letras, imagens e números, a partir dos quais iniciaram o contato com o mundo letrado. O painel de sentidos aguçou o interesse pelas letras, pelas palavras, pelos sentidos ali escondidos. A construção deste painel, geralmente, se dá com os poucos meios de contato com material gráfico que dispõe: as folhas rabiscadas de livros didáticos sem uso, as páginas sedutoras dos catálogos de vendas por correspondência, páginas de revistas, folhas de jornais velhos – ou qualquer material que suba os rios, entre uma passagem ou outra dos visitantes da cidade. Esse universo, para Lima, aponta a existência de um mundo além-floresta, que se organiza, em grande medida, com os auspícios do letramento. Da maneira que podem, os ribeirinhos desejam conhecer. Diz Lima:

As imagens transportam as pessoas para mundos imaginários possíveis e impossíveis, além do que o olho consegue enxergar, mas que, a realidade longínqua das matas amazônicas distanciada pelo espaço geográfico, não permite ao ribeirinho conhecer. O que está além da floresta encarna-se no mistério do desconhecido, dos sonhos. (n/p).

Uchoa, (2104) em seu estudo de doutoramento aponta que os povos da floresta, na falta de saídas para suprir as demandas da vida cotidiana, construíram varadouros por entre a mata, como estratégia de circulação física de comunidade à comunidade e também como caminhos para fazer chegar, aos pontos mais remotos, e por meios mais rápidos, notícias, novidades, suprimentos e algumas realizações no âmbito da vida imediata e/ou das conquistas sociais. Diz Uchoa:

quando o colonizador estrangeiro adentrou essa região, percorrendo o curso turvo do rio, instalando casebres, vilas, [...] ele projetou caminhos dantes não navegados, trilhos percursos no âmago da selva para instalar mudanças significativas nas margens dos rios e igarapés. [...] Como resultado dessa relação dialógica entre rio e floresta, os ribeirinhos, [...] estrategicamente idealizaram os varadouros, espécie de trilhas que encurtam as distâncias longínquas ocasionadas pelo trajeto sinuoso dos rios ladeados de mata densa (Uchoa, 2014, p. 1-2).

Oliveira (2016) defende metaforicamente, que os varadouros construídos pelos ribeirinhos, são utilizados por estes, mas também pelo visitante que toma chegada ao interior da floresta. As políticas públicas, concebidas comumente de fora

Revista Communitas v. 2, n. 3 (2018): Múltiplos discursos, práticas e políticas na/da educação

para dentro, pela esfera técnica de diferentes governos, aproximam-se das comunidades ribeirinhas levadas pela mão de lideranças comunitárias que fazem a conexão das bandeiras de luta com as autoridades. Oliveira especifica esta ideia por meio da implantação do Programa Asas da Florestania, que é um programa de correção de fluxo de ensino fundamental em funcionamento nas comunidades de difícil acesso do Estado do Acre, que chega às pessoas por meio dos varadouros traçados. Assim diz Oliveira:

Os varadouros de terra-firme abrem fendas sob a copa das árvores e adentra em direção ao seio da mata, que vai cedendo aos golpes de terçado e aos pisados de botas sete-léguas e abrindo-se em trilhas que permitem a entrada e saída de gente, carga, notícias, sonhos, desejos e sentidos diversos para a vida que corre mata a dentro, mata a fora. [...] Construir e encurtar caminhos às margens sinuosas dos rios ou nas matas que os abraçam, exige conhecimento, ousadia e coragem. Os ribeirinhos são assim, sábios artesãos de suas vidas, pois o que constroem são saídas, soluções para suprir as privações impostas pelo isolamento e distância.

Mas os varadouros construídos pelos ribeirinhos viram caminhos públicos. Uma vez abertos, nada impede o fluxo do ir e vir de quem quer que seja. A mata é generosa, os rios permissivos e assim, abrem-se francamente a quem deseja imiscuir-se floreta a dentro. (2016, p. 144)

Da Reserva extrativista do Alto Juruá, vem uma voz que delinea sua trajetória escolar como sendo permeada pelas dificuldades da falta de condições materiais e pedagógicas, mas mesmo assim desejada, com o olhar de quem enxerga para além do seu contexto vivido. A voz que fala, sabe o que a floresta ensinou, que a floresta educa também. Sabia as funções da escola, de promover a abertura para um mundo de significados, mas também de oportunidades de navegação social. O estreito círculo de contatos, os raros itinerários, as letras, imagens, símbolos e números, chamavam à curiosidade e à compreensão. Diz o ex-seringueiro, habitante da comunidade Restauração, Alto Juruá, que por volta de anos de 1970, não conhecia a escola como espaço físico de aprendizagem. Sua trajetória escolar foi percorrendo varadouros mata a dentro, entre uma comunidade e outra, à procura de quem soubesse ensinar o que sabia:

Olha eu tinha muita vontade de conhecer, de ler e a minha vontade mais era de ler, quando eu via um símbolo, uma letra

ou um número, havia uma curiosidade de saber o que era e quanto mais eu ia a escola mais eu conseguia ver, fazia leitura [...] ler e compreender mais sobre tudo. Era uma esperança de um dia sair daquele trabalho exaustivo e pesado e ser alguém na vida, porque eu via o trabalho do meu pai: era muito difícil. Minha mãe dizia que tinha tido (sic) no colégio Santa Teresina, em Cruzeiro do Sul, na época que ela era menina, tinha estudado. Contava várias estórias de menino, escola e eu tinha vontade de ir à escola pra descobrir a realidade da leitura, das histórias. Eu ficava encantado com aquelas estórias do Cebolinha e do Cascão e tal etc. E aí que me incentivava cada vez mais, na esperança de, claro, em um dia, ter a condição de saber fazer meu nome, de ler uma receita de remédio, de sei lá, de ler bilhetinho das meninas e tal e etc.

O caboclo conta memórias escolares e suas palavras, balançam, como o voo do teco-teco, que nos derramou, de uma vez só, na pista esburacada, irregular, rasgada entre as árvores de Marechal Thaumaturgo. Ninguém se segura diante dos solavancos das nuvens densas, no ar, nem da pista improvisada, na chegada. Ninguém se mantém incólume às narrativas sobre a experiência humana de aprender e ensinar na floresta. Que mundo terá sido esse, que mesmo no século XX, prorrompe em desobediência à lógica do liberalismo, que desde o século XVIII se instala em mentes e corações em redor do mundo, gerando convicção nas possibilidades humanas de navegar socialmente e sair de um possível círculo de pobreza para uma condição mais excelente por meio da educação? Por que caminhos terão andado essas teorias, que se perderam na imensidão do verde e das águas amazônicas, tendo, possivelmente, feito morada fora dos seringais e comunidades ribeirinhas? Por onde andou o Estado de direito, que se define como um campo de administração pela lei, das necessidades das gentes?

A narrativa do ex-seringueiro pontua as ausências de seu processo de escolarização: nem escola, nem professor, nem livros. A estatização do ensino que se deu no ocidente no século XVIII não havia aportado nas comunidades ribeirinhas que mais tarde comporiam a Reserva Extrativista do Alto Juruá. As iniciativas de aprendizagem, eram, assim, estratégias isoladas ou mecanismos individuais de aquisição das habilidades de leitura, escrita e seus desdobramentos. A expectativa das famílias só encontrava cumplicidade em pessoas

Não existia escola. Na verdade eu via escola quando eu ia pra Porto Walter e Cruzeiro do Sul [...] inclusive na foz do Tejo tinha uma. Em Porto Walter tinha um colégio [...] eu olhava... vontade de estudar no colégio mas naquela época não tinha; A gente estudava nas casas e os pais pagavam os professores. Os professores se reuniam numa casa; aquela pessoa que tinha um saber melhor e ela era angariada (sic) pelos pais das crianças... Via como uma pessoa inteligente, que tinha condições de ajudar e então pagariam essa pessoa, e essa pessoa trabalhavam na sua própria casa, pra dar as aulas. [...] Era o morador mesmo da comunidade, aquele que tinha mais saber e ele era estimulado pelos pais pra que pudesse ajudar aquelas crianças naquela comunidade a também aprender ler.

No caso aqui relatado, o que já é ruim, parece sempre poder ficar pior. As condições financeiras dos seringueiros são conhecidas por diferentes estudos, que comumente apontam o sistema de exploração das condições de vida desses soldados do Brasil como um dos mais perversos implementados na exploração da força de trabalho. Assim diz Sobrinho (1992, p. 40): “o homem, ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica as melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável”. Sobrinho refere-se ao seringueiro nordestino, exportado para o trabalho de colheita gumífera no início do século. O seringueiro acreano, diferentemente, quem oprime e abandona à sorte são as políticas públicas, as instituições governamentais. Conformer-se a esse abandono, é perfilar-se fiel à má-fé institucional dos governantes, que, ao fim e ao cabo, angariam vantagens políticas com o analfabetismo e dominação dos grupos. Por essa razão, os investimentos emocionais e financeiros, os riscos enfrentados, os improvisos didáticos e pedagógicos, o enfrentamento da dureza do trabalho e da vida, somado ao esforço de aprendizagem é, no fim das contas, a única aposta possível de uma vida melhor. Nosso personagem se refere à essa lida nos seguintes termos:

Eu me lembro como se fosse hoje. Meu pai tinha bastante menino. Ele foi acertar o preço com a professora e ela disse que era um valor de cinco quilos de borrachas pra todos os alunos. Então meu pai não tinha essa condição toda. Foi negociada... então passou pra três quilos de borracha pra cada aluno. Então nós éramos quatros naquele momento e ai se pagava o professor. Mas não tinha dinheiro na época, não tinha dinheiro,

ninguém nem conhecia dinheiro. Então se pagava com borracha, se produzia o príncipe (sic) e quando era no final do mês, aí os pais da gente ia lá e pesava a borracha e se tivesse saldo já deixava e descontava pro outro mês. [...] Não podia ficar devendo porque também é o trabalho daquela pessoa, e aquela pessoa precisava receber e era pago com borracha. Não se pagava com outra coisa ... com carne, galinha, roupa ... não se pagava com nada, só com borracha porque na época o ouro era a borracha, e só se negociava com a borracha. A borracha era o dinheiro. Não tinha outra coisa.

Ou seja, seu processo de escolarização se deu nas negações do que forma a escola como *locus* privilegiado para o processo de ensino e aprendizagem, que é: ter um local adequado, um corpo pedagógico e administrativo responsável pelo processo de escolarização, recursos didáticos, condições de trabalho, e o principal, vínculo institucional com o Estado. A travessia do baixo para a terra-firme é ambição complexa, no interior da floresta. O homem ribeirinho reside à beira do rio, pois é dali que vem a maior parte dos suprimentos que precisa para viver: a pesca, a adubação da terra, a navegabilidade para outros mundos, as visitas que passam, as notícias que circulam pelas águas rio acima, rio abaixo. Afastar-se para a terra firme, dispor-se a pisar e ocupar outro território, onde operam outras linguagens e novos sentidos é uma empreitada que exige a coragem civil próxima da autonomia abraçada pelo prisioneiro que se libertou da caverna, na famosa alegoria platônica. Uchoa (2014) e Oliveira (2016) descrevem a construção de saídas elaborada pelos povos da floresta, como “varadouros”, que encurtam caminhos e podem permitir o fluxo do ir e vir entre comunidades isoladas entre si, ou entre cidade/campo ou campo/cidade. Nas comunidades ribeirinhas do Alto Juruá, por muito tempo, a escola não chegou, o professor não veio, o material didático não navegou rio acima, mas o ímpeto pelo conhecimento não esmaeceu.

Se a floresta institui meios emancipatórios para a construção do esclarecimento, seus habitantes alicerçam sua busca na livre determinação em buscar o conhecimento por si mesmo, transpondo o quadro de abandono e negligência do Estado. Esta perspectiva sugere que o esclarecimento se apresenta a partir da firme determinação do sujeito em buscar o conhecimento por si mesmo, se apoiando

sobremaneira na vontade do indivíduo de superar a menoridade racional, que é uma segunda natureza para o homem, quando aceita a dominação racional por outro.

A floresta ensina. O jeito de viver na área ribeirinha, alagadiça, longínqua, isolada, instala habilidades configuradas como resistência e coragem. O prosaico caminho da escola, atravessando matas, lama, pontes, feras, etc., o enfrentamento do cansaço e do medo, demonstra o teor de decisão e vontade impregnado nos estudantes/seringueiros:

O mais difícil era a questão da ocupação do trabalho porque desde criança já trabalhávamos e quando chegava o final do dia, a gente saía do trabalho e tinha de ir automaticamente pra escola. Era um pouco distante - era só 1h/30m de viagem. Não era fácil. Já 5 horas da tarde saindo correndo pra lá e ficar até tarde da noite 8/9 horas da noite. Era difícil retornar porque nem lanterna tinha, [...] tinha de fazer um facho de sernambi, acender com areia nas folhas amarrado no pau e aí saía se alumando pra retornar pra casa. [...] Então o mais difícil era isso, conciliar o trabalho e a escola. Hoje não tem trabalho duro [...]: trabalho duro era naquela época, que se trabalhava de sol a sol; saía de madrugada e só chegava às 5 horas da tarde, [...] só tinha tempo de tomar um banho e sair correndo pra escola, pra chegar de dia. Era difícil. Pra mim foi uns dos períodos piores que já passei na época que eu estudei.

O pior da vida não é o caminho da escola, mas as condições de acesso e permanência nela. As horas de caminhada pelos varadouros da mata quando as forças já estão se esvaindo pelo trabalho fatigante do dia, a escuridão da noite no retorno sofrido, iluminada com a luz improvisada da poronga, a conciliação fora de hora entre trabalho e escola, avaliado hoje, quando os direitos sociais, pelo menos no plano teórico estão encaminhados, ressoam como um tempo de sofrimento, sem dúvida pela memória dos duros dias de trabalho no interior da floresta. Cabia aos homens, crianças ou adultos, aprender o ofício considerado mais comum nas comunidades ribeirinhas. Diz nosso caboclo:

Então a mulher [...] não tinha muita utilidade naquela época né. [...] um filho que nascia homem [...] vai ser um seringueiro bom! E quando era mulher e eu creio que pelas as histórias que meus pais contavam, a gente só ficava triste porque as mulheres que iriam ter ajuda em casa e não o homem tinha ajuda porque aquela mulher ia ajudar a mãe em casa ia ser dona do lar e o homem ia ajudar o pai, ser caçador, pescador, seringueiro, então ajudaria mais o pai.

A experiência da escolarização ribeirinha como uma invenção feminina foi constatada por Rocha (2007), em trabalho apresentado no I Encontro de Representações Sociais realizado em Manaus-AM. Neste trabalho Rocha apresenta que as escolas ribeirinhas do Vale do Juruá tiveram mulheres como suas primeiras professoras. Além desse protagonismo no processo de ensino, também as meninas tinham melhor rendimento em termos de sucesso escolar do que os meninos. Dessa maneira, é natural que seja das mulheres a função de semear o conhecimento, trabalho tecido com atenção, desprendimento e criatividade, visto que as condições objetivas são negadas, sobrando, unicamente, a coragem, camaradagem e alguns rudimentos do mundo letrado. Nosso ex-seringueiro diz que foi acolhido por mulheres, quando quis aprender a ler:

Eu na minha infância só estudei com mulheres, era a Maria da Gloria e a Inês de Oliveira. Só lembro o nome dessas duas mulheres, [...] naquela época os homens tinham menos chances de ir à escola porque se trabalhava na borracha, a economia era a borracha. [...] o homem era mais eficiente na questão da borracha e a mulher é menos eficiente na exploração da borracha.

Embora os papéis sociais pareçam definidos em termos das funções exercidas, a mulher foi, desde o início, protagonista no processo de escolarização dos ribeirinhos. Na adaptação do romance *Seringal* de Miguel Ferrante para o teatro, Henrique Silvestre Soares (1997) assim concebe a peleja de D. Clara com seu esposo, Coronel Fábio, no propósito de colocar uma escola no Seringal Santa Rita, ao que ele retruca:

Coronel - *Mas que aperreio, mulher. História mais besta essa de escola. Tenho mais o que fazer.*

Dona Clara - *Ora Fábio, o que é que tem demais botar uma escola pra esses infelizes. Os meninos vivem que aprecem até animais do mato. Dos pais eu nem falo. Mas as crianças. Dá pena ver esse magote de meninos já tão cedo nas estradas de seringa, feito gente grande, sem nenhum futuro.*

Coronel - *E o que é que eles precisam mais? Tem casa, roupa, o barracão fornece o rancho.*

Dona Clara - *(Baixinho) – Mas não é de graça, né? E vão viver enfiados sempre no meio do mato? Ora, Fábio, um dia esses meninos vão querer ir pra cidade, correr mundo. Tu achas que a borracha vai dar sempre o sustento deles? Já não está sendo de grande coisa. Daqui a pouco...*

Coronel - *Mas é aqui que a vida deles está fincada, pra sempre.*

E não sou eu que vou mudar essa situação, não.

Dona Clara - *Mas pode começar. A escola ...*

Coronel - *É um gasto sem necessidade. Construir uma palhoça, comprar cadeira, lápis, papel, pra dois, três meninos.*

Dona Clara - *Dois, três meninos, nada. São mais de quinze. Depois, começa com os que tem. Aposto que daqui a um tempo, a escola vai estar assim de menino. Além do que a escola serve também pra ensinar catecismo pros meninos. Quero só ver quando padre José subir pra desobriga e não encontrar nenhum menino preparado pra primeira comunhão.*

Coronel - *Ave Maria, mulher, que lenga-lenga. Parece até cantiga de grilo, inteiriço. Que aporrinhação da paciência da gente.*

Dona Clara - *É porque tu não quer me dar ouvido. Eu passo o tempo todo te dizendo as coisas e tu nem liga. Parece até que sou uma visage dentro dessa casa. Minha opinião não serve pra nada. E agora, se eu digo que é importante botar uma escola aqui, é porque eu devo ter alguma razão, não é? Pelo menos, eu tô pensando no futuro dessas criaturas.*

Coronel - *E quem é que ia dar aula para essa molecada? Tu é que não é, né?*

Dona Clara - *E se fosse?*

Coronel - *Ora tá. Inda mais essa.*

Dona Clara - *Mas não sou eu, não. Dona Joana não tá aqui? Pois então? A pobre fica por ai, o dia todo, de cara pra cima, pelos cantos.*

Coronel - *E essa infeliz sabe lá ensinar alguém?*

Dona Clara - *Pode não saber muito. Mas qualquer coisa já é melhor do que nada.*

Coronel - *Vá lá, vá. Lá. Pode mandar chamar os meninos. Vou dar ordem de construir essa bendita escola. Pronto. (SAOARES, 1997, p. 2)*

Dona Clara inaugura um fazer novo: a formação do espírito que pode voar, romper as fronteiras e a lógica. Sua composição discursiva se fortalece na convicção das possibilidades emancipatórias da educação. Sua voz de defesa da educação alcança os caprichos do coronel, mas principalmente, a alma dos filhos dos seringueiros. Certo está que D. Joana, a professora, utiliza poucos recursos e duvidosos métodos, como a soletração silábica *b* com *a bá*, *b* com *e be*, e por aí a fora. D. Joana é, nos dizeres de Soares, cria do seringal, num tempo em que, segundo Lima (2001), “a mulher apresentava-se como a Grande Mãe que abrigava e amenizava as tristezas e desesperanças masculinas, através da possibilidade da realização de desejos afetivos, sexuais e familiares” (p. 21). Ela não tomava o lugar de D. Clara, faceira, dona de

relações amorosas duradouras, no lar e para além dele. D. Joana era um “pau seco”, insubordinado “às prescrições autoritárias masculinas” (p. 21), e por isso mesmo, destinada à vagar peregrinando em busca de companhia ou afazeres que lhe anuviassem a alma. No trabalho educativo D. Joana redesenhava o futuro para si e para os outros.

Nisto a trajetória de D. Joana se assemelha as professoras dos seringais. Deixar as cidades de pedra e passar a povoar os confins da floresta levando um pouco de alma ao universo embrutecido de trabalho, suor, calor, fumaça e caucho. Nos dizeres de Lima (2001, p. 14),

a vida dessas mulheres [...] produz um efeito de bálsamo diante de nossas angústias produzidas pela desconfiança, frente às mudanças, e se constitui de uma força que requer, sobretudo, que restemos a atenção ao que emerge ao nosso redor, na mata e além dela. Faz-nos aflorar interesses, surpresas, tristezas, anseios, querer, prazeres e certezas [...]

A conquista do mundo além-floresta inclui as alegrias das descobertas das coisas que as letras escondem, celebradas pelos estudantes e por seus familiares. Mas nos seringais as apostas nas possibilidades da escola se dividem com a força do trabalho imediato. A distinção sobre as formas de produzir a vida confunde-se com o jeito de viver repetindo os fazes naturalizados como perenes. As lavadeiras do Seringal Santa Rita, comemorando a instalação da escola de D. Clara, travam o seguinte diálogo, conforme nos conta Soares:

Mulher 4 - Eu já avisei pros menino lá de casa. Eles tão numa animação que só vendo.

Mulher 1 – Os lá de casa também. Eu num vejo a hora, sabe. Quero vê quando eles tivé tudo lendo.

Mulher 3 – E pra quê? Num vejo muito futuro nisso, não. Os meu vão, mas se atrapalhá o serviço deles, o pai vai tirá da escola, ah se vai. A gente véve mesmo sem sabe lê.

Mulher 2 – E teu marido qué os filho tudo de canga, é? Vivê tudo enfiado nesse fim de mundo, cortando, cortando e nunca vê os resultado?

Mulher 1 – É. É muito sacrificoso, sim, mais eu quero é vê os meu tudinho lá, lendo e contando, que nem dotô, que nem seu Cazuzá (Soares, 1997, p. 3).

As portas parecem fechadas. Sim, a escola pode instituir condições de possibilidade, mas falta às lavadeiras do Santa Rita esta convicção. Não faltam esperanças. Faltam testemunho, provas de que a escola seja uma aposta positiva e segura para um futuro melhor. Elas cresceram longe do espaço escolar e no isolamento da selva, não puderam conhecer pessoas letradas, esclarecidas e autônomas por aquilo que a escola legou. Dessa maneira, o que sabem da escola é o que a imaginação permite: um lugar onde se planta sonhos no sacrifício. Sacrifica-se o tempo da roça, da seringa, dos afazeres comuns da floresta, ainda mais para os que nascem no sexo masculino, a quem o destino ensina a ser eterno no que faziam seus pais.

Mas nosso ex-seringueiro prorrope em desejos de acessar o além-floresta. Possivelmente, em algum lugar desse campo limitado de aspirações e sonhos, desenhou anseios e os contornou de esperança, fazendo-a maior do que as rédeas dos consensos estabelecidos sobre o trabalho, os hábitos e os costumes locais. Os desejos são mistérios que a alma humana esconde, até que a linguagem os expresse e negocie entendimentos e acertos sobre como operá-los em favor de si e dos outros. O conhecimento é resolutivo, expansivo e imperativo. Quem o deseja, só assim pode acessá-lo. Não é recurso que se dê graciosamente, mas se apresenta em processos disciplinados, paulatinamente, sob certas condições favoráveis. Na situação aqui apresentada, as boas condições se esquivavam pelas valas fundas, onde o Estado enterrava suas obrigações legais. Mas a escura e densa parede de abandono e dificuldades, não esmaeceu o desejo de construir, pelas trilhas estreitas das possibilidades improvisadas, marcas de um letramento progressivo. O ex-seringueiro diz que

[...] eu tinha vontade de ir à escola pra descobrir a realidade da leitura, das histórias, eu ficava encantado com aquelas histórias do Cebolinha e do Cascão e tal etc. e aí que me incentivava cada vez mais, na esperança de, claro, em um dia, ter a condição de saber fazer meu nome, de ler uma receita de remédio, de sei lá, de ler bilhetinho das meninas e tal e etc.

Está aí a força de seu processo vitorioso: a vontade de acessar o conhecimento dos livros e as possibilidades decorrentes dessa conquista. A inspiração e validação do conhecimento como instrumento de esclarecimento e autonomia

encontra-se estabelecido, em termos modernos, pelo menos desde Immanuel Kant, para quem o conceito de esclarecimento ganha contornos de um saber público, como mediação entre a política e a moral. Por esse motivo Kant (1985) apresenta a célebre definição do lema do esclarecimento: *Sapere Aude* (“Ousar Saber”), nas seguintes palavras:

Esclarecimento (*Aufklärung*) é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade (*Unmündigkeit*) é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outro. *Sapere Aude!* Tem coragem de fazer uso de seu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento.

Do ponto de vista do indivíduo, a ideia de libertar-se dessa imaturidade auto imputável indica uma máxima subjetiva, pensar por conta própria. Nosso personagem, ao autodeterminar-se a buscar o saber, parece rebelar-se sobre a raiz de uma formação cultural e econômica local que firma-se a partir de estereótipos semeados pela ideologia da colonização, cristalizando a ideia de que o homem amazônico seja dotado de uma composição racial inferior, sendo, portanto, incapaz de sobressair-se no campo mais alto do pensamento. Araújo Lima (citado por Loureiro, 2001, p. 41), afirma que: “Os acidentes do tempo, através de uma suposta evolução de hábitos regionais não têm registro entre gente; não há progresso nem regresso; a tradição e a rotina perduram como formas de preguiça, de inércia mental”

Os povos da floresta amazônica habitam a parte brasileira mais isolada do território. A distância no espaço foi sempre entendida como distância no tempo. Estar longe do eixo do desenvolvimento e do progresso instalado no sul e sudeste do país significava estar situado no tempo passado, primitivo. Mas vale lembrar que a ocupação da Amazônia se deu, em grande parte, com as levas de nordestinos e demais brasileiros de outros estados vieram no desejo de fugir das mazelas da seca ou na acorrida pela busca do Eldorado. Assim sendo, um grande contingente dos moradores da floresta trazia as reminiscências e construções mentais a respeito do mundo letrado, do qual tiveram referências em seus lugares de origem. Assim sendo, as

reminiscências de um mundo dos outros que liam, se projetou sobre a área florestal, alimentando esperanças de serem realizada nos filhos, a educação a eles negada. A esperança estava na herança ancestral e também nos sentidos construídos sobre o além-floresta, sobre o mundo do trabalho e sobre a aposta de redenção e autonomia por meio do saber escolar.

Essa aposta produziu resultados. A escolarização improvisada dos seringueiros e seus filhos, resultou satisfatória e se projetou em outras práticas escolares, impulsionada pelo mundo do trabalho. A narrativa do nosso personagem pontua os saltos e ocasiões em que foi possível avançar em seu processo escolar. Vejamos:

Então chegou o ponto que borracha começou a cair [...] eu resolvi largar a seringa e ir embora para Rio Branco. Mas naquela época [...] tinha outras pessoas mais letradas, tinha mais pessoas que tinha estudado. Então era difícil e eu não conseguia um trabalho [...] (que) exigia um pouco de leitura mais específica. Aí eu chegando lá, foi que eu me interessei em estudar mais para que eu pudesse então trocar de ramo. O que eu sabia mesmo era trabalhar na agricultura e cortar seringa. Foi uma mudança radical você sair do interior pra cidade [...] ai houve a necessidade de eu buscar mais afeiçãoamento e fui estudar [...] e ai fiz umas provas do MOBRAL, passei e fui dar continuidade, fazer a 8ª série e o segundo grau. Aí eu já fiquei no grau mais elevado. [...] Fui levando [...] e tive um convite pra Marechal Thaumaturgo pelo Conselho Nacional dos Seringueiros [...] eles me viram como uma pessoa [...] que tinha condição de contribuir [...] o ensino médio naquela época era como se fosse uma faculdade hoje [...] foi que eu entrei na política já tinha um conhecimento adquirido pelo grande esforço na faculdade da vida [...] Hoje graças a Deus sou formado em pedagogia [...] consegui terminar minha faculdade, que abriu pra mim horizonte. [...] A pedagogia é muito importante, porque é uma preparação pra vida; [...] acho que todo mundo deveria fazer pedagogia, onde você uma diversidade muito grande de outras disciplinas. [...] Eu quero fazer [...] uma pós-graduação[...] Já estou com uma idade um pouco avançado com 51 anos, mais tem hora que me sinto jovem.

Considerações Finais

O desolamento dos povos da floresta se dá por meio de estratégias construídas criativamente, pela imposição das necessidades ordinárias da difícil vida na selva. A negação das instituições oficiais em estender a mão na oferta e consecução de políticas públicas impõe ao caboclo da Amazônia dificuldades de proporções

monumentais, com as quais tem que lutar para desenvolver processos altamente criativos e eficazes de relação com a natureza magnífica e com a vida de forma geral. Essa peleja inclui desde a invenção de pequenas ferramentas até a construção de saídas possíveis à convivência espontânea e aquelas outras esferas de saberes só desenvolvidos mediante processos de interação com o outro, seja este outro, sujeitos concretos ou suas produções escritas ou narradas discursivamente. Aprendizagem se realiza em contatos, em trocas dialógicas. Sua mobilização, legalmente, é papel do Estado. Mas quando este se acovarda fugindo às responsabilidades institucionais, resta aos indivíduos, enfrentar o serrado da paisagem e traçar as veredas, caminhos, furos e varadouros que lhes possibilite acessar o mundo de contatos e sentidos novos.

Uchoa (2014, 2017), apresenta a metáfora dos varadouros como estratégias construídas para circulação física e de sentidos, elaborados pelos ribeirinhos com vistas a “diminuir distâncias e aproximar destinos”. Essa figura linguística representa bem o itinerário percorrido em prol do desolamento: caminhos sob a mata, veredas semicerradas, pisoteadas pelas botas sete-léguas e pelas pisadas de quem entrou ou saiu, paulatinamente fixam as fendas definidoras dos caminhos/possibilidades. Os trajetos realizados pelos varadouros são mais curtos. Por eles, o acesso aos objetos de desejo, sejam emocionais, materiais ou culturais se realiza na retração de tempo e espaço.

A perspectiva da alfabetização e escolarização de seringueiros antes da instauração da Reserva Extrativista do Alto Juruá exigiu uma dose de destemor, coragem civil, disciplina e sonho. A circulação das letras, dos sentidos, do letramento e esperança, embora instituída em práticas alternativas, configura-se como instrumento de resistência e afirmação da autonomia. A dos sujeitos deste trabalho sintetizam uma poética dos povos da floresta, que na refração do Estado, no acovardamento das instituições, alavanca saídas e por elas caminha na direção de fazer-se grande, contrariando as visões preconceituosas que enxergam o homem/caboclo amazônico ambientado em região tropical, como um ser limitado em consequência dos efeitos do clima e do ambiente. Os estigmas produzidos pelas narrativas literárias e técnicas, (LOUREIRO, p. 43) que apontam a “pequenez incapaz” e a “inferioridade do homem diante da natureza” e que tornam o homem “um ator agonizante” diante das magias do exuberante cenário amazônico, são desqualificados com testemunho de vida. A

vastidão das planícies não diminui a força do homem que a povoa. As paredes cerradas da densa floresta e o abandono institucional, em vez de esmagá-lo na prensa das dificuldades, transformam-no em protagonista das resistências, interventor e negador da ordem estabelecida com constância, preocupação, ambição, disposição, disciplina, e, acima de tudo, sabedoria.

REFERÊNCIAS:

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: “Que é esclarecimento”?** In: *Textos Seletos*. Petrópolis: Vozes, 1985.

UCHOA, J. M. S. **Narrativas de professores em formação sobre a didática de podcasts para o ensino de inglês na floresta.** (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Acre. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Natal, 2014.

GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma poética da diversidade.** Juiz de Fora: Editora UFJR, 2005.

OLIVEIRA, Amarílio S. **O Programa Asas da Florestania/Fundamental como varadouro de mão dupla: encurtando caminhos entre governo, escola e povos da floresta.** (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade. Universidade Federal do Acre. Rio Branco, 2016.

LIMA, Maria Aldecy R. **Retratos, Imagens, Letras e Números colados nas paredes: representações sociais de escola para ribeirinhos do Rio Moe e Azul-AC.** Rio Branco: EDUFAC, 2012.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônia: uma poética do imaginário.** São Paulo: Escrituras Ed., 2001.

SOARES, Henrique Silvestre. **Do outro lado do rio. Peça Teatral.** Mineo. Rio Branco, 1997.

SOBRINHO, Pedro Vicente. **Capital e trabalho na Amazônia.** Ed. Cortez: São Paulo, 1992.

ROCHA, Cleidson de Jesus. **Elas continuam lá: a invenção da escola ribeirinha como uma construção feminina.** I Encontro de Representações Sociais. Universidade Federal do Amazonas. Manaus-AC, 2007.

LIMA, Elane Correia. **A nova condição feminina: as mulheres do seringal.** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2001.

Revista Communitas v. 2, n. 3 (2018): Múltiplos discursos, práticas e políticas na/da educação

RANGEL, Alberto. **Inferno verde: *scenas e cenários do Amazonas***. São Paulo: Arrault, 1929.

HARDMAN, Francisco Foot. **A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.